

# EXAMINAI-VOS A VÓS MESMOS

*Daniel E. Parks*

*“Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé;  
provai-vos a vós mesmos”*

2 Coríntios 13.5

As Escrituras Sagradas não precisam exortar-nos a examinarmos os outros. A natureza humana possui uma inclinação para fazer isso. A natureza humana demonstra propensão em achar erros nos outros, de modo que deixamos prontamente de encontrá-los em nós mesmos.

Por isso, o Senhor Jesus nos exorta: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mateus 7.1).

A ênfase das Escrituras está mais centralizada em examinarmos a nós mesmos do que em examinarmos os outros. Isto se evidencia tanto em 2 Coríntios 13.5 como em outras passagens bíblicas: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo” (1 Coríntios 11.28); “Prove cada um o seu labor” (Gálatas 6.4); “Esquadrinhemos os nossos caminhos, provemo-los e voltemos para o SENHOR” (Lamentações 3.40).

Estas exortações nos ensinam que a segurança não é essencial à fé salvadora; que um crente pode ter dúvidas a respeito de seu estado e

condição espiritual; que uma pessoa pode ser um crente apenas nominal, e não verdadeiro; e que o auto-exame sempre nos revelará a necessidade de nos aproximarmos mais de Deus.

As seguintes perguntas estão entre as que nos podem ajudar a examinar-nos a nós mesmos.

1. *Amo ao Senhor, meu Deus, com todo o meu ser?* Jesus disse: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento” (Mateus 22.37,38). Estou em submissão a este mandamento ou, pelo contrário, estou amando a mim mesmo, ao mundo e às coisas do mundo (1 João 2.15)? Está na hora de retornar ao primeiro amor (Apocalipse 2.4,5)? Quanto o Senhor me amaria se o fizesse de acordo com o meu amor e devoção para com Ele?

2. *Amo verdadeiramente o*

*meu próximo como a mim mesmo?* Após definir “o grande e primeiro mandamento”, Jesus continuou: “O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.39). Ele não precisa nos exortar a amarmos a nós mesmos, “porque ninguém jamais odiou a própria carne” (Efésios 5.29). Mas o Senhor Jesus realmente precisa nos exortar a amarmos nosso próximo. Eu obedeco ao mandamento de Ele — o mandamento de amar os inimigos, abençoar os que me amaldiçoam, fazer o bem aos que me odeiam e orar pelos que me vituperam e perseguem (Mateus 5.43-48)? Eu me preocupo com o bem-estar espiritual do outros, da mesma maneira que me preocupo com meu próprio bem-estar espiritual? De que maneira e em que profundidade seria amado por meu próximo, se ele me amasse da mesma maneira como eu o amo?

3. *Estou confiando verdadeiramente na graça de Deus e apenas em Cristo para a minha salvação?* Creio que a salvação ocorre tão-somente pela graça de Deus, por meio da fé unicamente em Cristo? Ou, pelo contrário, creio que minha vontade e minhas obras (Efésios 2.8,9) podem salvar-me? A minha salvação está alicerçada sobre “a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus” (Hebreus 6.1)? Posso confessar, de todo o coração: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos 8.37)? A minha única justiça é a justiça de Cristo imputada, recebida somente por meio da fé? Ou, em vez disso, confesso possuir uma justiça própria (Filipen-

ses 3.3-9), que eu mesmo produzi e obtive? Cristo é a minha santificação e santidade (1 Coríntios 1.30,31)? Ou tenho me iludido com o pensamento de que posso me tornar santo ou mesmo progredir em santidade, até que seja perfeito, sem pecado (Isaías 65.5)? Cristo é meu único Mediador? Ou, em vez disso, estou procurando acesso a Deus por outros caminhos (1 Timóteo 2.5; João 14.6)? Cristo é meu único Profeta, Sacerdote e Rei? Ou procuro em outras pessoas o cumprimento destes ofícios (Hebreus 1.1,2; 10.1-18; Apocalipse 19.6)? Cristo é meu Descanso ou estou descansando em alguém mais (Colossenses 2.16,17)?

4. *O que o mundo pensaria sobre o cristianismo, se a minha vida fosse o padrão pelo qual o cristianismo seria julgado?* Imito realmente a Deus (Efésios 5.1,2)? Outros vêem Jesus em mim, porque estou imitando-O (1 Coríntios 11.1)? Demonstro a religião pura e sem mácula ou a minha religião é vã (Tiago 1.26,27)? Se não confessasse que sou crente, este mundo reconheceria tal coisa (Atos 11.26)?

5. *Quantas pessoas ouviriam sobre o Senhor Jesus e seu evangelho, se outros crentes testemunhassem na mesma frequência com que eu o faço?* Tenho confessado a Cristo diante dos homens, por meio do batismo (1 Pedro 3.21)? Confesso ou nego a Cristo diante dos homens, todos os dias (Mateus 10.32,33)? Obedeco ao mandamento de Cristo — contar as grandes coisas que Deus tem feito por mim

(Lucas 8.39)? Pode ser dito a meu respeito o mesmo que foi dito sobre a mulher que estava ao poço de Jacó: “Muitos.... creram nele, em virtude do testemunho da mulher” (João 4.39)? Se eu sou ministro do evangelho, mostro-me diligente em ir “por todo o mundo” e pregar “o evangelho a toda criatura” (Marcos 16.15)?

6. *Oro como deveria?* Comecei com oração a minha jornada cristã? Desde o momento de minha conversão, obedeco ao mandamento de orar “sem cessar” (1 Tessalonicenses 5.17)? Sigo o modelo de oração dado pelo Senhor Jesus (Mateus 6.5-13)? Ou estou sempre ocupado e não oro? Ou me sinto tão auto-suficiente que rejeito a necessidade de orar? Procuo freqüentemente a comunhão com Deus na oração? Ou oro somente quando necessito de uma solução imediata?

7. *Leio a Bíblia como deveria?* Gasto mais tempo lendo a Palavra de Deus do que os escritos de homens? As Escrituras Sagradas são o meu “prazer” e meditação “todo o dia”, ou, em vez disso, encontro mais prazer na leitura de outros escritos (Salmos 119.70,77,97,174)? Procuo tornar-me sábio para a salvação, por meio da leitura da Palavra de Deus (2 Timóteo 3.15)? Ou, depois de todo esse tempo confessando ser crente, ainda sou ignorante a respeito do conteúdo das Escrituras? Cometo os mesmos erros dos personagens bíblicos, perdendo bênçãos, por ignorar o exemplo que eles deixaram (1 Coríntios 10.1-13)? Por meio da constante utilização da Bíblia, de-

monstro minha crença no fato de que ela é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3.16,17)? Ou encontro mais proveito na leitura de comentários, credos e confissões doutrinárias? Procuo o Senhor Jesus em todas as passagens das Escrituras (Lucas 24.27; João 5.39)? Ou leio muitos textos, antes de achar qualquer coisa a respeito dEle? Quanto tempo seria gasto na leitura da Palavra de Deus, se todo crente a lesse tanto quanto eu leio?

8. *Assisto com fidelidade os cultos de minha igreja?* Obedeco ao mandamento “não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hebreus 10.25)? Ou, em vez disso, sinto que não tenho necessidade de ser exortado, ter comunhão e alimentar-me com a Palavra de Deus pregada? Quantos cultos a minha igreja realizaria, se a minha presença fosse exigida? Desejaria que Deus visitasse a minha casa com a mesma freqüência com que visito a casa dEle? Sempre confesso: “Alegrei-me quando me disseram: VAMOS à Casa do SENHOR” (Salmos 122.1)? Ou, pelo contrário, acho inconveniente fazer isso, procurando razões para não fazê-lo? Quando vou aos cultos, me regozijo no privilégio de sentar-me à mesa do Senhor e anunciar a morte de Cristo, até que ele venha (1 Coríntios 11.23-26)? Além disso, quando participo

dos cultos, mostro fidelidade em conversar “com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais” (Efésios 5.19)?

9. *Contribuo financeiramente para a obra do Senhor?* Roubo a Deus, por não Lhe oferecer “dízimos e ofertas” (Malaquias 3.10)? Ou, em vez disso, contribuo liberalmente para a obra dEle (Romanos 12.8)? De que maneira o meu exemplo comprova o princípio bíblico de que “aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará” (2 Coríntios 9.6)? Contribuo “com tristeza ou por necessidade” (2 Coríntios 9.7)? Sou um crente que “dá com alegria”, sendo amado por Deus? Contribuo sistematicamente, conforme a prosperidade que Deus me proporciona (1 Coríntios 16.2)? Ou minha atitude de não contribuir revela meu pensamento de que Ele tem sido mesquinho para comigo? Qual seria a situação financeira de

minha igreja, se todos os membros seguissem meu exemplo em dar ofertas?

10. *Sou um verdadeiro crente ou estou me enganando com o pensamento de que sou crente?* Sou um Judas Iscariotes, que traiu a Jesus por causa de lucros mundanos? Cristo diria a meu respeito o mesmo que Paulo disse a respeito de outro homem: “Demas, tendo amado o presente século, me abandonou” (2 Timóteo 4.10). Como eu responderia o questionamento de John Newton: “Isto é algo que desejo muito saber, algo que freqüentemente me deixa ansioso — amo ao Senhor ou não? Sou dEle ou não?”

Se temos dificuldade de examinar a nós mesmos, devemos rogar a Deus que o faça por nós. “Examina-me, SENHOR, e prova-me; sonda-me o coração e os pensamentos” (Salmos 26.2). “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” (Salmos 139.23).



*Não são os grandes talentos que Deus abençoa, mas a grande semelhança com Cristo.*

**Robert Murray M'Cheyne**

*Quando um pecado está na moda, os cristãos devem estar fora de moda.*

**John Blanchard**

# A IMPORTÂNCIA DOS PRESBÍTEROS

*Dean Allen*

Atos 14.21-23, Atos 20.17-35, Tito 1.5, 10-16

## **A NATUREZA DESTES OFÍCIO SUPÕE A IMPORTÂNCIA DOS PRESBÍTEROS**

O presbiterato implica em liderança. A liderança deste ofício se manifesta: a) por meio de administração ou governo; b) por meio de instrução, ensino e pregação; c) por meio de exemplo. Vemos isto claramente em Hebreus 13.17: “Obedecei [esta é uma norma para a igreja] aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros”. Em seguida, considere o versículo 7 deste mesmo capítulo: “Lembra-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram”.

Nestes dois versículos, vemos aqueles três elementos da liderança. Primeiro, existem aqueles que governam sobre os crentes (“os vossos guias”); eles têm governado sobre os crentes e velado por estes. Segundo,

eles têm pregado a Palavra de Deus para os crentes. Terceiro, considerando atentamente a maneira como eles vivem, os crentes têm de imitar a fé exercida por seus líderes. Portanto, o presbiterato bíblico é um ofício de autoridade que se expressa por meio de governo, instrução e exemplo.

O verdadeiro cristianismo depende de presbíteros bíblicos que agem de conformidade com as Escrituras, pregando todo o conselho de Deus e cuidando do rebanho. Este foi o exemplo de Paulo diante dos presbíteros de Éfeso. Várias vezes, ele disse: “Jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus” (Atos 20.27); ou seja, “não me esquivei de ensinar-vos qualquer coisa proveitosa, fazendo-o publicamente e de casa em casa; eu vos ensinei e preguei o arrependimento para com Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo”. O apóstolo Paulo pregou...pregou...pregou!

A função bíblica do presbítero não é somente pregar todo o conselho de Deus, mas também a indispensável supervisão do rebanho.

Observe: “Pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas” (Hebreus 13.17); “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos [supervisores], para pastoreardes a igreja de Deus” (Atos 20.28). Eles governam sobre vocês para o próprio bem de vocês. Quando é necessário, eles têm de se colocar no meio do caminho e dizer-lhes: “Parem! O que vocês estão fazendo?”, porque eles velam pela alma de vocês, como aqueles que prestarão contas delas no Dia do Juízo”.

### **A CONDIÇÃO DO HOMEM EXIGE O OFÍCIO DE PRESBÍTERO**

Presbíteros, os líderes bíblicos da igreja, preservando a Palavra da Vida através de um exemplo santo, são extremamente essenciais em nossos dias, assim como sempre foram, por causa da condição dos homens. Em Atos 20.29, o apóstolo Paulo advertiu os crentes de Éfeso a respeito dos lobos que se introduziriam na igreja, não poupando o rebanho. O Espírito Santo havia constituído aqueles homens como presbíteros de um rebanho de ovelhas. O perigo: lobos vorazes sobreviriam ao rebanho para devorar as ovelhas. As ovelhas, por natureza, são errantes e vulneráveis aos lobos. Elas precisam de vigilância e proteção; elas necessitam de uma boa e sábia liderança de presbíteros fortes.

O apóstolo se mostrou urgente em sua última visita aos presbíteros de Éfeso, a fim de incutir em suas consciências o dever que agora es-

tava sobre eles. Estes presbíteros não veriam mais o rosto do apóstolo. Eles não teriam mais consigo o apóstolo, para vir e resolver os problemas deles. Portanto, eles tinham de atentar por si mesmos, primeiramente, e depois por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os havia constituído presbíteros, por causa dos lobos perigosos que se introduziriam na igreja e não poupariam o rebanho. A existência de presbíteros é imprescindível. Eles têm de velar e alimentar as ovelhas. A condição do homem exige isto.

### **A ORDENANÇA DE CRISTO REQUER O OFÍCIO DE PRESBÍTERO**

Efésios 4 diz que estes oficiais foram estabelecidos por Cristo, para que nós (os santos) não sejamos mais crianças levadas de um lado para o outro por todo vento de doutrina. Cristo sabia que necessitamos de presbíteros. Observe em Atos 20.28: “...o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos”. O presbítero bíblico não é presbítero apenas porque ele escolheu esta função como sua carreira; o presbítero bíblico é alguém colocado por Cristo neste ofício. O Espírito Santo o constituiu um supervisor do rebanho de Cristo. O presbítero tem de cuidar do rebanho e alimentá-lo (literalmente, fornecer pasto). Esta não é uma posição que você designa para si mesmo.

Somos mais sábios do que Deus? Ele, que designou tal ministério, haverá de rejeitá-lo com leviandade, porque decidimos que temos supe-

rado a necessidade de tal ministério? O ofício do presbítero que proclama a Palavra da Vida com regularidade, a cada semana, noite e dia, de casa em casa ou publicamente, é extremamente essencial. É uma ordenança de Cristo.

### A ESSÊNCIA DA OBRA NECESSITA DO OFÍCIO DE PRESBÍTERO

Em Romanos 10.14, Paulo nos apresenta a razão (o objetivo ou propósito) fundamental por que Cristo estabeleceu os presbíteros – “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” Observe a pergunta de Paulo, a pergunta do Novo Testamento: como é que Cristo falará à

sua alma, para a sua salvação, se não houver um pregador?

Quando Paulo esteve entre os efésios durante aqueles muitos meses, a essência de sua mensagem foi o arrependimento e a fé para a salvação. Em essência, o propósito de todo o trabalho de Paulo foi pregar o arrependimento para com Deus e a fé em Jesus, para a salvação dos pecadores e a edificação do corpo de Cristo.

Em 1 Timóteo 4.16, o apóstolo

Paulo disse a Timóteo: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes”. O coração de Paulo vibrava com a salvação daqueles que ouviam a pregação do evangelho. O alvo, o objetivo e a própria essência de nossa obra é a salvação da alma daqueles que se encontram sob o nosso ministério.

Paulo não partiu de Creta sem deixar ali alguém para completar a obra iniciada. O apóstolo disse a Tito: “Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade

constituíesses presbíteros” (Tito 1.5). Isto era vital! Os apóstolos sabiam que era melhor não deixar a obra apenas em seu estágio inicial. O objetivo do presbiterato não termina quando pessoas se conver-

tem ou você pensa que elas estão convertidas. É por isso que temos de ir de casa em casa, com lágrimas e labores; é por isso que temos de permanecer de joelhos e temos de perscrutar as consciências. O objetivo do presbiterato é a salvação de pessoas e nada menos do que isto.

A tarefa do presbítero consiste em edificar as muralhas de Sião, em meio a inimigos violentos. Nas Escrituras somos chamados de cooperadores de Deus – “Porque de Deus

— ■ —

*O verdadeiro cristianismo  
depende de presbíteros  
bíblicos que agem de  
conformidade com as  
Escrituras, pregando todo  
o conselho de Deus  
e cuidando do rebanho.*

— ■ —

somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós” (I Coríntios 3.9). Somos cooperadores de Deus no edificar a igreja. Você lembra de Neemias quando ele trabalhava na reconstrução das muralhas de Jerusalém? As pessoas se mostraram dispostas para fazer a obra. Em uma das mãos, elas tinham uma colher de pedreiro e na outra mão, uma espada. Enquanto edificavam a muralha com os materiais de construção, os judeus tinham necessidade de defender-se contra os inimigos que desejavam destruir a muralha. Houve zombaria, blasfêmias, resistência, táticas e artifícios políticos que visavam arruinar a obra – tudo que os inimigos podiam fazer para destruir aquela muralha, a cidade e a sua proteção. Quando Sambatate desejou que Neemias descesse para conversar com ele sobre a obra, Neemias, respondeu-lhe: “Não posso descer. Tenho de construir uma muralha e não posso desperdiçar meu tempo conversando com você”.

Cristo estabeleceu o ofício de presbítero para a construção das muralhas de Sião em meio aos inimigos. Pessoas que se passam por ovelhas freqüentemente deixam rastros de lobos. O pastor corre o risco de ter todo o seu rebanho devorado, enquanto ele próprio se assenta e dorme, na vã esperança de que seu rebanho está se alimentando sozinho.

## CONCLUSÕES

É dever da igreja fortalecer, e não enfraquecer, as mãos dos ministros de Deus. Irmãos, vocês não sabem que, às vezes, também somos sensí-

veis. Uma das coisas que nos qualifica para o presbiterato é que nos preocupamos com as pessoas. Uma das razões por que somos tardios em repreender é que desejamos ser gentis. Queremos ter certeza de que pensamos de maneira completa no assunto, de que procuramos conselho e de que não sobrecarregamos, não ferimos, nem machucamos vocês, que são nossas ovelhas. Somos sensíveis. Quando sentimos que vocês não nos amam, não nos apreciam nem gostam de nós e que prefeririam que deixássemos a igreja, isto nos magoa. Entendam que os presbíteros precisam da ajuda de vocês. O diabo está cochichando, em todo o tempo, no ouvido dos presbíteros, os pecados, os erros, as fraquezas deles mesmos. Suportem e sustentem os presbíteros.

Honrem o ofício dos supervisores designados por Deus. Obedeçamos, como aqueles que têm de prestar contas da alma de vocês, para que cumpram seu ministério com alegria e sem tristeza. Ouçam-nos. Orem por eles. Trabalhem para a edificação deles. Preparem os filhos de vocês para este ofício, visto que Deus os auxiliará a fazê-lo. Sustentem esse ofício. E que Deus conceda graça àqueles que, dentre nós, exercem o ofício de presbítero, para que o façamos com fidelidade, por amor à alma de vocês.

Ajuda-nos, ó Pai. Ajuda-nos a entender a crucial necessidade dos meios de graça escolhidos por Ti e depositados nos dons que tens dado à igreja, em seus homens que estão no ministério.

# UMA APRECIÇÃO DE JONATHAN EDWARDS

*Tom E. Nettles*

**E**m outubro de 2003, aconteceu o aniversário de 300 anos de nascimento de Jonathan Edwards. Devemos expressar gratidão coletiva a Deus pelo impacto positivo deste servo tão dotado em favor da obra do evangelho, em geral, e pelo seu impacto positivo sobre os batistas, em particular.

Jonathan Edwards nasceu em 5 de outubro de 1703. Ele era o quinto filho e o primeiro homem dos sete filhos de Timothy e Esther Edwards. Seu pai viera ministrar na igreja de East Windsor (Estado de Massachusetts), em 1694, quando tinha 25 anos de idade. E ali permaneceu durante todo o resto de sua vida. Timothy Edwards era zeloso pela causa do evangelho, bem como pela espiritualidade e educação de seus filhos. Jonathan foi o recipiente mais feliz deste zelo. Ele nunca se ressentiu desse cuidado de seu pai; em vez disso, considerou uma das maiores graças o ter sido criado e educado nessa atmosfera. Jonathan aprendeu a encorajar a si mesmo e a esforçar-

se mais do que seu pai poderia ter sonhado em fazê-lo.

Ele realizou seus estudos universitários entre 1716-1720, em Yale, e concluiu seu mestrado em 1722. De 1722 até 1724, ele serviu como pastor interino em duas igrejas, permanecendo menos do que um ano em cada uma delas, em Nova Iorque e Bolton (Estado de Connecticut). Um dos períodos espiritualmente mais traumáticos de sua vida ocorreu nos três anos em que ele serviu como tutor em Yale, num tempo de muita incerteza na faculdade, quando a sua administração se mostrava bastante instável. Em 1726, Jonathan viajou a Northampton, para ajudar seu avô, Solomon Stoddard, no ministério da igreja. Em 1727, ele se casou com Sarah Pierpont, o amor de sua vida. Seu avô faleceu em 1729; assim, Jonathan se tornou o pastor da igreja de Northampton. Ele permaneceu ali até que foi demitido em 1750, em meio a uma controvérsia a respeito de quem deveria receber a Ceia do Senhor.

Uma poderosa e inesperada intervenção do Espírito de Deus sobreveio a Northampton em 1735; propagou-se em direção ao norte, até Northfield, e ao sul, alcançando as distantes cidades de Stratford, Guilford, Lyme e Groton, no Estado de Connecticut. Jonatahn Edwards se encontrava no meio de uma rigorosa defesa da justificação pela fé, experimentando criticismo por causa de seu biblicismo ousado e reformado, quando ocorreu a poderosa obra de conversão e avivamento. Ele relatou o fenômeno e analisou as diversas experiências espirituais em sua obra *Faithful Narrative of the Surprising Work of God in the Conversion of Many Hundred Souls*. A princípio, Jonathan confirmou a morfologia puritana da conversão, ao mesmo tempo que a modificou, por descrever a variedade nas experiências e por advertir contra a confiança carnal que todos os traumas produziam na conversão genuína. O alicerce que ele estabeleceu neste livro determinou o curso da obra de sua vida. Todos os seus escritos, daquela época até à sua morte, exploraram algum aspecto da experiência espiritual genuína. O caráter da liberdade humana, visto que está relacionada com as duas grandes realidades: a absoluta soberania de Deus e os abrangentes efeitos do pecado do homem, constitui a matriz de acordo com a qual a experiência cristã tem de ser gerada (ou regenerada). Ninguém falou a respeito deste assunto com tanta profundidade e perspicácia quanto Jonathan Edwards.

A grande obra de Edwards, que é também o mais completo exame das

afeições humanas e, talvez, o livro mais importante escrito nos Estados Unidos é *Religious Affections* (Afeições Religiosas). Todo crente, especialmente todo ministro do evangelho, deveria ler este livro de Edwards e sentir-se desafiado a possuir maior zelo espiritual pela honra de Deus e um coração de pastor repleto de discernimento e compaixão.

Entretanto, ninguém deve esquecer que Jonathan Edwards foi, antes de tudo, um evangelista pastoral. Ele gastou toda a sua mente e todo impulso criativo para gravar no coração e mente de seu povo a necessidade, infinitamente importante, de arrependimento para com Deus e da fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Além de Jonathan Edwards, nenhuma outra pessoa foi capaz de retratar, de maneira tão desoladora, a condição humana, e de mostrar, de modo tão alarmante, o seu completo desespero; ninguém foi capaz de revelar a atratividade e a beleza constrangedora do Senhor Jesus, com maior seriedade e liberdade do que o fez Jonathan Edwards. Também, nenhum outro autor conseguiu incutir na mente de seus leitores a realidade e os propósitos da eternidade, tão bem como o fez Edwards. Ele procurou dispor cada elemento do evangelho e sua manifestação histórica no contexto de seu propósito crucial e de sua razão para ser justo como realmente é. Às vezes, parece que Edwards foi levado às portas do inferno, a fim de perceber o que significa estar sob uma ilimitada torrente da ira de Deus, e, em seguida, comissionado a relatar sua percepção. Subseqüentemente, parece que Edwards foi levado ao

céu, a fim de contemplar o Senhor Jesus Cristo, em sua glória, bem como o incessante fluir do amor divino, entre o Pai e o Redentor ressuscitado e exaltado; após o que ele foi comissionado não a dizer a qualquer pessoa, e sim a expandir a linguagem humana, de modo que descrevesse a amabilidade do que tinha visto. O evangelismo de Jonathan Edwards possuía esse tipo de urgência imediata.

Que tipo de apelo ele apresentava aos seus ouvintes? Como poderia ele, um fiel calvinista, fazer exigências urgentes a uma assembléia de pecadores, escravizados a suas afeições hostis e sujeitos aos decretos da justiça e da misericórdia de Deus? Que teologia estava por trás deste coerente e sincero aspecto dos sermões de Edwards?

Jonathan Edwards cativa a mente e o coração. Aqueles que, com simpatia, estudam completamente os escritos de Edwards, acham difícil conceber a verdade bíblica em uma disposição melhor do que a apresentada por ele. Edwards consegue captar a maneira de expressão e a estrutura na qual eles percebem a importância da mensagem do evangelho. Talvez isso não seja sempre bom. Visto que não possuem a facilidade de argumentação filosófica de Edwards, disciplinada por seu coerente e amplo conhecimento das Escrituras no contexto de uma imersão na história da teologia cristã, os imitadores de Edwards podem se tornar obscuros e mais metafísicos, em vez de expositores que falam com

clareza. Edwards não tinha essa característica; todavia, alguns de seus seguidores a têm demonstrado e, ao fazerem isso, reverterem completamente o interesse teológico de Edwards. Ao mesmo tempo, uma apreciação moderada de Jonathan Edwards, no contexto de uma orientação rigorosamente bíblica, no que diz respeito à pregação, é capaz de produzir uma pregação edificante e convincente. Uma leitura meditativa nos sermões de Edwards pode alimentar a mente e resultar em um desejo sincero por ter mais de Deus, um desejo que permanecerá meses e anos.

Os batistas foram afetados dessa maneira. Com raras exceções, eles resistiram aos anelos metafísicos e se deleitaram com os escritos de Edwards, no contexto de sua inalterável devoção aos ditames da revelação bíblica. No entanto, os batistas desfrutaram realmente de Jonathan Edwards e se beneficiaram de seu poder espiritual e de sua peculiar estruturação da ortodoxia reformada. Os batistas de nossos dias não podem ser entendidos sem estarem cientes da poderosa influência que Edwards exerceu. No que diz respeito à teologia, podemos argumentar com segurança que a Convenção dos Batistas do Sul nasceu da firmeza dos escritos de Jonathan Edwards. A obra missionária, bem como a defesa da liberdade religiosa, possui o aroma de Edwards.

(Extraído de “Founders Journal”,  
com ligeiras adaptações.)

# O TEÓLOGO DO AVIVAMENTO

*Erroll Hulse*

Assim como Martinho Lutero permanece como o marco de uma nova época na História da Igreja, assim também Jonathan Edwards permanece como o limiar de um novo mundo evangélico, caracterizado por avivamentos. Entre Lutero e Edwards encontra-se John Owen, o Príncipe dos Puritanos, que representa três gerações de puritanos ingleses, que desdobraram a fé reformada em uma admirável combinação de doutrina, experiência e prática. Seguindo essa tradição, mas enfrentando diferentes pressões, Jonathan Edwards escreveu o clássico *Religious Affections* (Afeições Religiosas), no qual ele mostrou o que constitui e o que não constitui os elementos da conversão autêntica.

Jonathan Edwards ministrou como pastor em uma nação jovem que estava em desenvolvimento. Ele trabalhou arduamente nas fronteiras

de perigo e conflito constantes, entre os índios, franceses, católicos e protestantes ingleses. Edwards foi um pensador arguto e um filósofo cristão *que viveu no clímax* do conflito espiritual contra o deísmo e o racionalismo. B. B. Warfield o descreveu como uma figura de verdadeira grandeza na vida intelectual da América colonial.<sup>1</sup>

## O TEÓLOGO DO AVIVAMENTO

Jonathan Edwards foi o mais perspicaz dos primeiros filósofos da América, o mais brilhante e original de todos os teólogos da América. De modo contrário a George Whitefield, que pregava de improviso e, conforme os seus contemporâneos, nunca titubeava, Edwards escrevia todos os seus sermões; e, se tivesse de pregar utilizando breves anotações, teria dificuldade em fazê-lo. Até hoje o seu

sermão *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado* é um dos mais famosos na América.

Os batistas são fascinados pelo esforço de Edwards em direção a uma igreja pura, evidenciado na controvérsia sobre a Ceia do Senhor (*Aliança Parcial*), que foi uma das causas de sua demissão de Northampton, em 1750. Alguns são fascinados pelas obras-primas de Edwards, *Freedom of the Will* (Liberdade da Vontade) e *The Nature of True Virtue* (A Natureza da Verdadeira Virtude).

Embora estes assuntos sejam importantes, meu ponto de vista é que as principais contribuições de Edwards para a Igreja de Cristo, em todos os lugares, são os seus pensamentos e os seus livros sobre avivamento. Ele é digno do título “O Teólogo do Avivamento”. Os puritanos ingleses nunca utilizaram a palavra *avivamento*, embora a teologia deles fosse tendente ao avivamento.

Meu propósito é delinear o progresso do interesse e dos escritos de Edwards sobre avivamento.

Em 1734/35, um poderoso avivamento espiritual sobreveio a Northampton. Edwards o descreveu em um livro intitulado *A Narrative of Surprising Conversions* (Uma Narrativa de Conversões Surpreendentes). As definições de avivamento são diversas. A descrição de Edwards é, em si mesma, uma definição.

Nos últimos dias de dezembro de 1734, o Espírito de Deus começou a agir de modo extraordinário e a operar maravilhosamente entre nós. E houve, ines-

peradamente, cinco ou seis pessoas que, de acordo com todas as aparências, foram convertidas para a salvação, uma após outra... Nas primeiras semanas de 1735, uma preocupação sincera a respeito das grandes coisas do cristianismo e do mundo eterno envolveu, de modo abrangente, todas as pessoas de todas as idades e posições, bem como de todos os lugares da cidade. Todas as outras conversas, exceto as conversas sobre as coisas eternas e espirituais, eram logo deixadas de lado. Todas as conversas, em todos os lugares, entre todas as pessoas, em todas as ocasiões, se referiam apenas a estas coisas, a menos que fosse necessário as pessoas realizarem suas atividades seculares... As mentes das pessoas estavam admiravelmente desprendidas deste mundo, que, entre nós, era considerado algo de pouca importância. Tal mudança de convicção produziu rapidamente uma diferença visível na vida da cidade.

A maior de todas as mudanças ocorreu no próprio templo da igreja. Naquele tempo, as nossas reuniões eram lindas: a igreja se mostrava viva na adoração a Deus; todos estavam sinceramente atentos na adoração pública; todos os ouvintes anelavam ouvir as palavras do pastor, conforme estas saíam de seus lábios; a congregação geralmente derramava lágrimas, quando a Palavra de Deus era pregada. Alguns choravam de tristeza e consternação; outros, de alegria e amor; outros,

de piedade e compaixão pelas almas de seus vizinhos.

Em 1739, com 36 anos de idade, Edwards pregou uma extensa série de sermões na qual ele examinou toda a história da raça humana, desde a Criação até à segunda vinda de Cristo. Esta série de sermões foi publicada como *A History of the Work of Redemption* (Uma História da Obra de Redenção). Edwards antecipava que através de derramamentos do Espírito Santo todos os inimigos de Cristo serão finalmente derrotados, em especial o Anticristo (que Edwards, assim como todos os reformadores e puritanos ingleses, considerava ser o papado) e o falso profeta. De acordo com Romanos 11, Edwards acreditava que os judeus serão convertidos e que isso será o prenúncio de um crescimento massivo da Igreja, em todo o mundo. O evangelho será, então, pregado com mais clareza e será mais eficaz em sua aplicação, levando à paz.<sup>2</sup> Distorções do evangelho serão removidas, e as seitas, reduzidas a nada. Tudo isto será realizado não por príncipes, ou seja, não por poderes humanos ou líderes políticos, e sim por intermédio do Espírito Santo, utilizando os meios da graça (Zacarias 4.6). Toda a Criação, argumentava Edwards, é apenas o palco da grande obra de redenção.

— ■ —  
*Em terras mais altas, vi  
 diante de mim uma nuvem  
 ou nevoeiro surgindo  
 e ouvi um barulho  
 semelhante ao estrondo  
 de cascos de cavalos  
 vindo pela estrada...*  
 — ■ —

Todas as coisas trabalham juntas em direção ao objetivo de tudo, que é a glória do Deus Triúno, na redenção e na formação da nova terra e dos novos céus.

O avivamento ocorrido em Northampton, que se espalhou por outras cidades, inspirou aquela série de sermões. Ora, um avivamento ainda mais abrangente sobreveio à Nova Inglaterra. Em 1740/41, o Grande Despertamento “irrompeu nas igrejas dormentes da Nova Inglaterra,

como um trovão e relâmpago surgindo de um céu límpido”.<sup>3</sup> De modo diferente de 1735, este avivamento alcançou todo o país. O principal instrumento deste avivamento foi George

Whitefield, que tinha apenas 25 anos de idade. O caráter deste avivamento pode ser vislumbrado nas palavras seguintes.

O agricultor Natan Cole relatou sua experiência. Ele estava trabalhando quando um vizinho lhe contou que George Whitefield estava chegando.

Eu estava trabalhando em minha lavoura. Trouxe as *ferramentas* e o *arado* para casa, ordenei à esposa que se aprontasse para ouvirmos o Sr. Whitefield, em Middletown. Corri com todas as minhas forças para apanhar o cavalo no pasto, temendo que chegaria atrasado para ouvir o Sr.

Whitefield. Trouxe o cavalo até a casa, montei rapidamente, bem como a minha esposa, e fomos com tanta rapidez quanto o cavalo podia agüentar... Eu desceria, correria e diria à esposa que cavalgasse tão rápido quanto pudesse; e correria... até que ficasse quase sem fôlego... fiz isso várias vezes, para favorecer o cavalo, pois tínhamos quase 19 quilômetros para percorrer em pouco mais do que uma hora. Em terras mais altas, vi diante de mim uma nuvem ou nevoeiro surgindo e ouvi um barulho semelhante ao estrondo de cascos de cavalos vindo pela estrada... Quando cheguei a 100 metros da estrada, pude ver uma torrente de cavalos, com seus cavaleiros... Chegamos até eles, e não ouvi nenhum homem falando palavra alguma, durante todo o caminho. Todos seguiam com grande pressa; e, quando chegamos à velha casa de reuniões, ali havia uma grande multidão — disseram que três ou quatro mil pessoas estavam reunidas. Descemos de nossos cavalos e sacudimos a poeira, e os pastores estavam vindo à casa de reuniões. Virei-me, olhei em direção ao grande rio e vi barcos navegando rapidamente, para lá e para cá, trazendo grande número de pessoas, que pareciam lutar pela vida. Em um raio de 19 quilômetros, não vi ninguém trabalhando nos campos.<sup>4</sup>

Nos lugares em que George Whitefield pregava na Nova Inglaterra, o Espírito Santo era derramado e

grandes multidões se reuniam. Em determinado lugar, 25.000 pessoas se reuniram para ouvir Whitefield. Este número representa a maior concentração de pessoas daquela época.

Jonathan Edwards defendia, em especial, o avivamento, resguardando-o dos seus críticos. Em 1746, depois de pregar uma série de sermões sobre este assunto e depois de muita revisão, ele publicou o seu *Treatise on Religious Affections* (Tratado sobre Afeições Religiosas), que é o seu livro mais lido.

Em 1747, ele publicou um tratado sobre Zacarias 8.20-22, que saiu da imprensa com o longo e descritivo título

*Uma Tentativa Humilde de Promover Harmonia Explícita e União Visível do Povo de Deus na Oração Extraordinária, em Favor do Avivamento do Cristianismo e do Avanço do Reino de Cristo na Terra, conforme as Escrituras — Promessas e Profecias Sobre os Últimos Dias.*

Este livro, de 180 páginas, formato pequeno e acabamento em brochura, foi enviado pelos correios a John Erskine (1721-1803), na Escócia. Nesse tempo, John Ryland Jr. estava se correspondendo com Erskine; e foi através deste que John Ryland Jr. recebeu uma cópia de *Uma Tentativa Humilde*. John Ryland compartilhou o tratado com John Sutcliff (1752-1814). O interesse se espalhou, e foram organizadas reuniões de oração mensais suplicando avivamento. A oração especial em favor de avivamento se espalhou por todas as denominações. A atividade

de intercessão foi o início de uma época notável de despertar espiritual nas ilhas britânicas. Também é digno de nota o fato de que esse tempo de oração especialmente intercessória marca o início do Grande Despertamento Missionário, no qual William Carey foi o pioneiro.

O que serviu de excepcional encorajamento para Edwards foi a entrada de David Brainerd em sua vida —um assunto sobre o qual se expressou mais tarde. Em uma terça-feira, 28 de maio de 1747 (na época em que Edwards preparava-se para a publicação de um tratado que convocava os crentes a um pacto de oração), David Brainerd entrou no jardim da casa pastoral, em Northampton. Edwards, cujos pensamentos estavam engajados na visão de uma obra missionária de alcance mundial, havia se encontrado com Brainerd apenas uma vez. Agora, por meio de um contato mais achegado, eles conversariam mais profundamente sobre a experiência de trabalhar entre os índios e, em particular, sobre um conhecimento detalhado do despertar espiritual entre eles. A história de David Brainerd nos comove profundamente: suas lutas com a total depravação e rejeição do evangelho por parte dos índios, seu desespero íntimo por causa dessa rejeição e, acima de tudo, sua piedade de transparente.

Embora limitado em vigor físico, Brainerd se entregou, de modo incansável e sacrificial, aos índios entre os quais ele testemunharia um maravilhoso despertar espiritual. Ele morreu de tuberculose, na casa de Edwards, com a idade de 29 anos,

deixando seu diário na posse de Edwards. Este diário constituiu a base de sua biografia, escrita por Jonathan Edwards, que, no devido tempo, se tornou seu livro mais popular. Este livro foi reconhecido como a primeira biografia de um missionário impressa nos Estados Unidos e causou grande impacto na causa de missões, mais do que qualquer outro livro. Foi o avivamento entre os índios que deu poder à biografia de Brainerd e que tanto nos prende o interesse.

James I. Packer, em uma palestra apresentada na Conferência Puritana de Londres, em 1961, resumiu de modo proveitoso o ensino de Edwards sobre o avivamento, empregando três tópicos:

*1. O avivamento é uma obra extraordinária de Deus, o Espírito Santo, revigorando e propagando a piedade cristã em uma comunidade.*

O avivamento é uma obra extraordinária porque marca uma reversão abrupta de uma tendência arraigada e um estado de coisas entre aqueles que professam ser o povo de Deus. Contemplar Deus revigorando sua igreja significa pressupor que a igreja estivera, anteriormente, moribunda e se tornara dormente.

*2. Os avivamentos têm um lugar central nos propósitos revelados de Deus.*

“O objetivo de Deus em criar o mundo”, declarou Jonathan Edwards, “era preparar um reino para o seu Filho (pois Ele foi designado o herdeiro do mundo)”. Este objetivo tem de se cumprir, primeiramente por in-

termédio da realização da obra redentora da parte de Cristo, no Calvário; depois, por intermédio do triunfo do seu reino. “Todas as dispensações da providência divina, desde a ascensão de Cristo até à consumação final de todas as coisas, têm o propósito de outorgar a Cristo a sua recompensa e cumprir seu objetivo naquilo que Ele fez e sofreu na terra.” Um domínio universal está prometido a Cristo e, nesse ínterim, antes da consumação final, o Pai implementa esta promessa, em parte, por meio de derramamentos sucessivos do Espírito, os quais comprovam a realidade do reino de Cristo para um mundo céptico e servem para estender seus limites entre seus antigos inimigos.

3. *Os avivamentos são as mais gloriosas obras de Deus no mundo.*

Edwards insistia nisto, para envergonhar todos aqueles que não professavam qualquer interesse no avivamento divino que sobreviera à Nova Inglaterra e insinuavam, por sua atitude, que a mente de um crente deveria se ocupar mais proveitosamente com outros assuntos.

“Em sua natureza e realização, esta obra é a mais gloriosa de qualquer das obras de Deus” — Edwards protestou. “É a obra da redenção (o grande objetivo de todas as outras obras de Deus e da qual a obra de

criação foi apenas uma sombra). É a obra da nova criação, que é infinitamente mais gloriosa do que a velha criação. Ouso dizer que a obra de Deus na conversão de uma alma... é uma obra mais gloriosa do que a criação de todo o universo material.”

## CONCLUSÃO

A igreja universal possui dimensões tão amplas, que não sabemos quantos dos seus membros sentem este mesmo *fardo* de Jonathan Edwards. O Espírito Santo é o Espírito de graça e de súplicas. Ele impulsiona o seu povo a orar. A intercessão é quase sempre o precursor de um avivamento espiritual. É impossível pensarmos em qualquer outra maneira pela qual o mundo será ganho para Cristo.

---

1. B. B. Warfield, *Studies in Theology*, p. 517.

2. Quanto à compreensão puritana sobre 2 Tessalonicenses 2.1-12 e Romanos 11, ver o artigo *The Puritans and The Promise*, escrito por este autor, em *God is Faithful*, Westminster Conference Papers, ano 1999.

3. *Jonathan Edwards*, biografia escrita por Iain Murray, p. 155.

4. *Ibid.*, p. 163.



*Na criação Deus mostra Sua mão;  
na salvação, Seu coração.*

**Anônimo**

# O CALVINISMO ANIQUILA O EVANGELISMO?

*Ernest C. Reisinger*

A resposta desta pergunta é “sim” e “não”. Sim, o calvinismo aniquila o evangelismo antibíblico centralizado no homem e alguns dos métodos antibíblicos e carnais empregados nesse tipo de evangelismo.

Não, o calvinismo não destrói o evangelismo centralizado em Deus, no qual os métodos bíblicos são utilizados na grande obra de cumprir o mais evidente mandamento de nosso Senhor.

Antes de falar sobre evangelismo e calvinismo, talvez seja prudente fazer alguns comentários gerais a respeito de conceitos errados sobre o calvinismo. *Existem fanáticos a favor do calvinismo, assim como existem fanáticos contrários a ele.* Este assunto nos apresenta indagações cruciais, importantes e imprescindíveis em nossos dias. Temos ouvido perguntas sinceras, especialmente da parte de seminaristas e pastores recém-ordenados.

Não há dúvida de que os fundadores e o corpo docente do primeiro seminário Batista do Sul, bem como a maioria dos primeiros pastores ba-

tistas, eram calvinistas, por comprometimento e experiência.

## OS CALVINISTAS NÃO SEGUEM JOÃO CALVINO

Os princípios elementares dos dois grandes sistemas de teologia se encontram ou no calvinismo ou no arminianismo. Entretanto, estes sistemas teológicos existem desde muitos séculos antes de João Calvino haver nascido. Naquela época, eles eram chamados agostinianismo e pelagianismo, de acordo com os nomes dos homens que os definiam, no século V. Com justiça, o calvinismo poderia ser chamado de agostinianismo, e não significaria que estamos seguindo Agostinho em direção à Igreja Católica Romana; pelo contrário, significa que somos seguidores dos princípios de teologia que Agostinho ensinou. De fato, John A. Broadus, um grande batista do Sul, do século XX, estava certo quando declarou que este sistema de teologia retrocede ao apóstolo Paulo. Por isso, Broadus chamou o calvinismo

de “aquele sublime sistema da verdade paulina”.

Calvino pode ter sido o homem que *elaborou*, pela primeira vez, aqueles princípios doutrinários em um sistema formal. Mas, como já dissemos, os princípios doutrinários não se originaram com João Calvino ou com Agostinho, e sim com o apóstolo Paulo. Por conseguinte, os calvinistas não seguem a João Calvino; pelo contrário, nos apegamos aos princípios doutrinários que ele *formulou* em

um sistema de doutrina cristã. (Isto também é verdade a respeito do Credo dos Apóstolos. Esse credo não foi escrito pelos apóstolos. As verdades bíblicas do credo foram sistematizadas muitos anos depois que os apóstolos haviam partido para receber sua recompensa.) Conseqüentemente, cometemos um grave erro quando afirmamos ou deixamos implícito que somos seguidores de João Calvino. Não batizamos infantes, nem concordamos com a queima de hereges. Podemos dizer, com certeza, que, assim como o pelagianismo é o progenitor do arminianismo, assim também o paulinismo e o augustinianismo são os pais do calvinismo.

## O FUNDAMENTO DOUTRINÁRIO DO CALVINISMO NÃO É A PREDESTINAÇÃO

Além disso, o princípio doutri-

nário sobre o qual todo o calvinismo se alicerça não é a predestinação. Não. O ensino primário do calvinismo se fundamenta em um alicerce mais amplo, o ensino que podemos dizer (e não estamos exagerando em dizê-lo) refere-se à própria natureza e caráter de Deus. O único fundamento sobre o qual o calvinismo está edificado é a absoluta e ilimitada

soberania de Deus. Na realidade, o calvinismo afirma e enfatiza a doutrina da soberania de Deus, sendo esta doutrina a fonte de

onde fluem todos os outros princípios do ensino calvinista.

É importante entendermos que o calvinismo não está centralizado, primariamente, em sua doutrina de predestinação, considerada de maneira isolada. A predestinação é simplesmente o resultado ou a aplicação da soberania de Deus em referência à salvação. O calvinismo afirma que a soberania de Deus é suprema na salvação, assim como em todas as outras coisas.

## NOSSA HERANÇA CALVINISTA

Ao considerarmos o nosso passado, em busca de nossa origem, não podemos esquecer alguns dos pais e líderes de nossa grande Convenção Batista do Sul que eram calvinistas firmes e comprometidos.

Por exemplo, considerem Basil Manly. Um historiador disse que

Manly desempenhou a função de regente ao orquestrar os acontecimentos que resultaram na fundação de uma convenção batista conservadora. Manly elaborou uma resolução de seis pontos que levou à separação entre os batistas do Norte e os do Sul. Esta resolução foi “aprovada de pé e com unanimidade”. Basil Manly era um calvinista de primeira ordem.

Em um sermão intitulado “Eficácia Divina em Coerência com a Atividade Humana”, Manly disse a um grupo de pastores:

Não abandonemos a doutrina da atividade e da responsabilidade do homem ou a doutrina da soberania e da eficácia de Deus. Por que elas deveriam ser consideradas incoerentes? Ou por que deveriam aqueles que se apegam a uma se mostrar dispostos a duvidar, desacreditar ou rejeitar a outra?

Manly continuou:

A grande razão.... por que a família cristã está dividida em dois lados, cada qual rejeitando uma ou outra destas grandes doutrinas, é que a doutrina da dependência do Ser Divino nos lança constantemente nas mãos e na misericórdia de Deus. O homem orgulhoso não gosta disso; ele prefere olhar para o outro lado do assunto; torna-se cego, em parte, por contemplar apenas um lado da verdade, e se esquece do Criador, em Quem ele vive, se move e tem sua existência.

Considere James P. Boyce, o principal fundador do primeiro seminário — (Seminário Teológico Batista do Sul — EUA). Muito de-

pois da morte de Boyce, um de seus ex-alunos, Dr. David Ramsey, apresentou uma mensagem, no Dia dos Fundadores, em 11 de janeiro de 1924, intitulada “James Petigru Boyce, o Excelente Homem de Deus”. Poucas linhas desta mensagem do Dr. Ramsey nos mostrarão que Boyce era um calvinista comprometido e que, ao mesmo tempo, amava a alma dos homens.

Meu argumento é que nenhuma outra teologia, além da teologia caracterizada por um amor avassalador e consumidor para com os homens, *explica* James P. Boyce e seu ministério. Este amor apaixonado foi o elemento que direcionou seu modo de pensar naquelas primeiras conferências e na elaboração dos documentos que levaram ao estabelecimento do seminário. O propósito de ajudar seus colegas permeava todos os seus planos, sua conversa, seus escritos, sua pregação, seu ensino, assim como o filete escarlate permeia todas as cordas dos navios da marinha inglesa. Este zelo pelas almas exigiu o melhor do ser de Boyce, assim como o sol da manhã leva as flores e plantas carregadas de orvalho a se curvarem ao deus do dia.

O amor de Boyce por seus colegas era tal que, depois de sua morte, o rabino Moses, de Louisville, disse a respeito dele:

Antes de vir para Louisville, eu conhecia o cristianismo somente em livros. Foi por meio de homens como Boyce que aprendi a conhecer o cristianismo como uma força viva. Nesse

homem, aprendi não somente a compreender, mas também a respeitar e a reverenciar o poder chamado cristianismo.

Boyce não somente amava os homens, ele amava a Deus. Ramsey disse sobre este assunto:

Nosso pensamento deve envolver tanto o amor subjetivo como o objetivo: o amor do homem para com Deus e o amor de Deus para com o homem. O amigo íntimo de Boyce e co-fundador do seminário, John A. Broadus, expressou seus próprios sentimentos a respeito da teologia de Boyce, a qual chamamos calvinismo: 'Foi um grande privilégio ser dirigido e instruído por um professor como Boyce, em estudar aquele sistema de verdade paulina que é tecnicamente chamada de calvinismo, que impulsiona um estudante sincero a pensar de maneira profunda; e, quando persuadido por meio de uma combinação de pensamento sistemático e experiência fervorosa, tal estudante é levado a sentir-se em casa entre os mais inspiradores e enobrecedores pontos de vistas sobre Deus e o universo que Ele criou.

O legado que Boyce nos outorgou é a teologia bíblica expressa na obra *Abstract of Systematic Theology* (Sumário de Teologia Sistemática), que não é nada mais do que o assunto de suas aulas — o puro calvinismo.

Em defesa do calvinismo de Boyce, William A. Mueller, autor de *A History of Southern Baptist Theological Seminary* (Uma Histó-

ria do Seminário Batista do Sul), disse:

Como teólogo, o Dr. Boyce não tem medo de andar nos antigos caminhos. Ele é conservador e eminentemente bíblico. Dr. Boyce trata com grande imparcialidade aqueles cujos pontos de vista ele se recusa a aceitar, após discussão; mas, em seu ensino ele é resolutamente calvinista, seguindo o modelo dos antigos teólogos. Dr. Boyce procura esclarecer as dificuldades relacionadas a doutrinas tais como: Adão — o cabeça da raça humana, a eleição e a expiação; ele faz isso não para silenciar aqueles que apreciam a controvérsia, e sim para ajudar o investigador sincero.

O Rev. E. E. Folk, no jornal *Baptist Reflector* (Refletor Batista) comentou sobre as habilidades de Boyce e seus frutos como professor de teologia:

Você tinha de conhecer bem a sua própria teologia, pois, do contrário, não poderia descrevê-la perante o Dr. Boyce. E, embora os jovens alunos fossem, em sua maioria, arminianos, quando chegavam no seminário, poucos continuavam seguindo esta teologia, pois, estando sob o ministério do Dr. Boyce, muitos dos jovens alunos se convertiam às vigorosas opiniões calvinistas dele.

Boyce e Manly eram calvinistas convictos. E não eram os únicos. A teologia deles não era algo incomum nos primeiros dias do *Southern Baptist Theological Seminary* (Seminário Batista do Sul). W. B. Johnson,

o primeiro presidente da Convenção Batista do Sul (EUA), era calvinista, assim como o eram R. B. C. Howell e Richard Fuller, segundo e terceiro presidentes da Convenção. B. H. Carroll, fundador do Seminário Batista do Sudoeste, em Fort Worth, Texas, também era calvinista. Patrick Hues Mell, presidente da Convenção Batista do Sul por 17 anos, foi um polêmico defensor do calvinismo, mais do que qualquer outra pessoa.

A Sra. D. B. Fitzgerald, hospede por vários anos na casa de Patrick H. Mell e membro da Igreja Anthioc (em

Oglethorpe, Geórgia), da qual ele era o pastor, recorda os esforços iniciais de Mell na igreja:

Quando o Dr. Mell foi chamado para assumir o pastorado da igreja, esta se encontrava em triste estado de confusão. Ele disse que certos membros estavam se encaminhando ao arminianismo. O Dr. Mell amava demais a verdade, para respirar duas teologias distintas ao mesmo tempo. A igreja era batista e tinha de confessar doutrinas peculiares àquelas que a denominação lhe ensinava. Por isso, com aquela ousadia, clareza e vigor de linguagem que lhe eram característicos, o Dr. Mell pregava aos membros da igreja as doutrinas da predestinação, eleição, graça soberana, etc. Ele disse que seu

dever era pregar a verdade sempre, conforme a encontrava na Palavra de Deus, e parar nesse ponto, sentindo que Deus cuidaria dos resultados (*The Life of Patrick Hues Mell*, p. 59).

Eu poderia continuar citando nomes e trechos de biografias de fundadores de nossa denominação que eram calvinistas comprometidos, bem como firmes na evangelização. Citarei apenas mais um nome: o Dr.

J.A. Broadus, um grande pregador e um dos fundadores de nosso seminário. Ele disse:

Aqueles que escarnecem

do que chamamos calvinismo poderiam também escarnecer do Mont Blanc. Não estamos obrigados a defender todas as opiniões e atitudes de Calvino; todavia, não posso entender como alguém que compreende o grego do apóstolo Paulo ou o latim de Calvino ou de Turretin pode deixar de ver que estes apenas interpretaram e formularam, de modo concreto, aquilo que os apóstolos ensinaram.

Desejo resumir mencionando cinco coisas que não identificam o calvinismo:

1. *O calvinismo não é antimissionário*; pelo contrário, fornece o alicerce bíblico para missões (Jo 6.37; 17.20-21; 2 Tm 2.10; Is 55.10; 2 Pe 3.9,15).

2. *O calvinismo não elimina a*

---

■

*O único fundamento sobre o qual o calvinismo está edificado é a absoluta e ilimitada soberania de Deus.*

---

■

*responsabilidade do homem.* Os homens são responsáveis pela luz que têm, quer seja a consciência (Rm 2.15), quer seja a natureza (Rm 1.19-20), quer seja a Lei escrita (Rm 2.17-27), quer seja o evangelho (Mc 16.15-16). A incapacidade do homem para fazer o que é reto não o isenta de responsabilidade, assim como a incapacidade de Satanás para fazer o que é reto também não o deixa livre de responsabilidade.

3. *O calvinismo não torna Deus injusto.* Conceder a bênção da salvação para inúmeros pecadores indignos não é uma injustiça da parte dEle para com o demais pecadores indignos. Se um governador perdoa um criminoso culpado, está cometendo injustiça para com os demais? (1 Ts 5.9.)

4. *O calvinismo não desanima os pecadores convictos;* em vez disso, lhes dá bons motivos para virem a Cristo. “Aquele que tem sede venha” (Ap 22.17). O Deus que convence é o Deus que salva. O Deus que salva é o mesmo que escolheu homens para a salvação e que os convida a desfrutar da salvação.

5. *O calvinismo não desencoraja a prática da oração.* Pelo contrário, o calvinismo nos motiva a buscar a Deus, visto que Ele é o único que nos pode salvar. A verdadeira oração é um impulso do Espírito Santo e, por esta razão, estará em harmonia com a vontade de Deus (Rm 8.16).

O calvinismo tem caracterizado os batistas autênticos, em sua história. De modo contrário ao movimento liberal, ao movimento carismático, bem como ao dispen-

sacionalismo e ao movimento de Keswick, o calvinismo é o único sobre o qual podemos afirmar que é endêmico à história, ao ensino e à herança dos batistas. Até ao presente século, com seu pragmatismo, os batistas do Sul e seus antecessores sempre foram calvinistas. O ressurgimento do calvinismo em nossos dias é apenas um esforço para restaurar nossa antiga teologia, que produzirá um resultado profundo em nosso evangelismo.

### **QUE RELAÇÃO EXISTE ENTRE O CALVINISMO E O EVANGELISMO?**

Primeiramente, devemos saber o que é o evangelismo. O evangelismo é a comunicação da mensagem divina e inspirada que chamamos evangelho. É uma mensagem que pode ser definida em palavras, mas tem de ser comunicada com autoridade e poder. “Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1 Ts 1.5).

O evangelho informa como Deus, nosso Criador e Juiz, tornou seu Filho um Salvador de pecadores, perfeito e disposto. O convite do evangelho declara que Deus convida os homens a virem ao Salvador, com fé e arrependimento, e encontrarem perdão, vida e paz.

E este é mandamento de Deus: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e amemos uns aos outros, conforme Ele nos ordenou (1 Jo 3.23). Jesus disse: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (Jo 6.29).

Eis uma definição de evangelizar:

“Apresentar o Filho de Deus aos homens pecadores, a fim de que ponham sua confiança em Deus, por intermédio de Cristo, e O recebam como seu Senhor e Salvador, para servi-Lo como seu Rei, na comunhão de sua igreja”. Você deve observar que esta definição inclui a Igreja.

### **O EVANGELISMO PRECISA TER UM ALICERCE DOUTRINÁRIO**

O alicerce doutrinário do evangelismo bíblico é tão importante à evangelização como o esqueleto o é para o corpo humano. A doutrina proporciona unidade e firmeza. O alicerce doutrinário produz o vigor espiritual que torna o evangelismo capaz de suportar as tempestades de oposição, sofrimento e perseguição que, com freqüência, acompanham o verdadeiro evangelismo e missões. Por conseguinte, a igreja que negligencia o verdadeiro alicerce do evangelismo bíblico logo descobrirá que seus esforços perderam o vigor e surgirão conversões falsas. A falta de um alicerce doutrinário prejudicará a unidade da igreja e abrirá as portas ao erro e à instabilidade em todos os esforços evangelísticos. Falta-nos palavras para exaltarmos a importância de um alicerce bíblico e ortodoxo no evangelismo autêntico, centralizado em Deus.

A doutrina molda o nosso destino. No presente, estamos colhendo os frutos de um evangelismo que não se fundamenta nas Escrituras. O grande apóstolo Paulo, instruindo um jovem pastor a realizar a obra de um

evangelista, disse-lhe que a doutrina (o ensino) é o propósito primordial das Escrituras — “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ENSINO” (2 Tm 3.16). O evangelismo sem um alicerce doutrinário é uma casa edificada sobre a areia (Mt 7.24-26). É semelhante a galhos sem raízes, cortados e lançados no chão; eles murcharão e morrerão. O calvinismo possui alicerces doutrinários para o evangelismo.

O alicerce doutrinário do evangelismo centralizado em Deus assegura o seu sucesso. Primeiramente, porque Deus, o Pai, tem algumas pessoas que são eleitas:

a. João 13.18 — “Eu conheço aqueles que escolhi”;

b. João 15.16 — “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”;

c. Efésios 1.4 — “Assim como nos escolheu, nele”;

d. 2 Tessalonicenses 2.13 — “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação”.

e. João 6.37,39,44,64,65 — “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim... E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu... Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”.

Isto me parece uma garantia de sucesso!

A segunda garantia de sucesso encontra-se no fato de que Deus, o Pai, deu ao seu Filho, o grande Pastor, algumas ovelhas; e o grande Pastor fez expiação em favor das ovelhas que o Pai Lhe deu.

A expiação sobre a qual falamos foi planejada — a cruz não foi um

acidente. Deus a planejou. Ele não estava dormindo, nem foi apanhado de surpresa pelos eventos que culminaram na cruz. Deus tinha um plano imutável, inalterável, que estava sendo realizado. O apóstolo Pedro declarou em sua primeira mensagem: “Sendo este [Jesus] entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos” (At 2.23).

Os apóstolos não somente proclamaram esta verdade, mas também oraram a respeito dela. Escute a oração deles: “Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungieste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, *para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram*; agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra” (At 4.27-29). Na cruz, Deus estava sendo o mestre de cerimônias.

Jesus também ensinou que Deus, o Pai, tinha um plano imutável, inalterável, e poder para executá-lo.

“Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca *de todos os que me deu*; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.38-39). “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas *ovelhas*” (Jo 10.11). “Eu sou o bom pastor; conheço as minhas *ovelhas*” (Jo 10.14).

Jesus deixou claro o motivo por que alguns não crêem nEle. Você já

se perguntou por que algumas pessoas não crêem? Jesus responde esta pergunta: “Vós não credes, porque não sois das minhas *ovelhas*” (Jo 10.26).

Ele descreveu duas características de suas ovelhas: “As minhas ovelhas *ouvem* a minha voz [disposição de conhecer a vontade dEle]; eu as conheço, e elas me *seguem* [disposição de fazer a vontade dEle]” (Jo 10.27).

A verdade de que a expiação se realizou especificamente em favor das ovelhas está em João 17. Veja estas palavras da oração de Jesus:

“Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna *a todos os que lhe deste*”; “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por *aqueles que me deste*, porque são teus”; “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo *os que me deste*, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.2, 9,24).

Este ponto de vista sobre o alcance da expiação torna a cruz um lugar de vitória, pois aquilo que o Pai planejou, o Filho adquiriu e orou em seu favor. Isso está em harmonia com a grande declaração contida na profecia messiânica referente a vinda de Jesus: “Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si” (Is 53.11).

Jesus ensinou esta mesma verdade em João 6.37: “Todo aquele que

o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora”. Jesus não disse que eles talvez virão; que seria ótimo se viessem; que, se decidirem, eles virão; pelo contrário, Jesus declarou: *Eles virão*. Este é um elemento importante na mensagem da cruz, a mensagem de nosso evangelismo. Significa que a morte de Cristo não foi em vão. Pelo contrário, esta verdade nos diz que todos aqueles em favor dos quais Cristo morreu, para salvá-los, esses virão a Ele. É interessante observar que, ao anunciar a José o nascimento de Jesus, o anjo foi diretamente neste ponto: “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21).

Observe que o anjo afirmou: “*Salvará o seu povo*”. Ele não disse: “Cada pessoa”, e sim: “O seu povo” — as ovelhas.

Deus usou o fato de que tinha algumas pessoas, algumas ovelhas, para estimular a evangelização da ímpia cidade de Corinto. O grande apóstolo estava com receio de ir a Corinto, e Deus o encorajou, dizendo: “Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade” (At 18.9,10).

1. A vinda de Cristo ocorreu *em favor de seu povo* — “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21).

2. Seu pagamento na cruz se deu em favor das *ovelhas* — seu povo: “Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.... Eu sou

o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10.11,14,15).

3. Jesus orou em favor de todos aqueles que o Pai Lhe deu: “Assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste”; “É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus” (Jo 17.2,9).

Esta é a mensagem da cruz que você tem ouvido? É a mensagem de um Cristo cuja morte não foi em vão e que cumprirá tudo que foi planejado? Ou você ouviu uma mensagem de um Jesus insignificante, impotente, patético e, às vezes, efeminado, que tornou a salvação possível e está assentado, passivamente, esperando, para ver o que os pecadores farão com Ele?

Isto não é apenas uma ênfase diferente. É uma mensagem evangelística de conteúdo diferente. O evangelho bíblico está centralizado em Deus, honra a Deus e abençoa os pecadores. O evangelismo centralizado em Deus possui um alicerce doutrinário que lhe garante eficácia. Se o seu conceito a respeito do calvinismo destrói o evangelismo, ofereço-lhe a sugestão de que examine seu entendimento e estude os seguintes livros: *Evangelismo e Soberania de Deus*, escrito por J. I. Packer (Editora PES, São Paulo - SP); *O Evangelho de Hoje — Autêntico ou Sintético* (Editora Fiel, São José dos Campos - SP), escrito por Walter Chantry.

# A ESCRAVIDÃO DA VONTADE

*Michael Horton*

*“Eu o parabenizo, Erasmus, porque você sozinho, ao contrário dos outros, atacou a coisa certa, isto é, o problema essencial. Você não me tem entediado com aquelas divagações sobre papado, purgatório, indulgências e coisas assim – tolices em vez de problemas... Você, e só você tem visto o ponto para onde tudo converge, e direcionado para um foco de vida”.*

Martinho Lutero

Sempre que pensamos sobre nossas diferenças com Roma, nós nos voltamos para a veneração de imagens, a infalibilidade papal, o papel mediador assegurado aos santos, principalmente à Virgem Maria. E ainda, como Lutero combateu, o ponto chave na Reforma era sobre a questão: “Quem salva quem?”, “A Escravidão da Vontade” de Lutero foi a resposta a “Liberdade da Vontade” de Erasmus e estabeleceu o debate da reforma sobre o livre-arbítrio e a eleição, de uma forma mais veemente.

Desiderius Erasmus (1466-1536), um humanista holandês, foi uma das mais brilhantes luzes da Renascença. Como muitos humanistas da Renascença (humanismo no sentido clássico é um bom termo, não pode ser confundido com humanismo secular), ele foi cínico com

relação à hipocrisia, extravagância, intolerância e irrelevância espiritual da igreja.

Muitos evangélicos hoje poderiam ler Erasmus com proveito, especialmente considerando que muitos problemas têm reaparecido. Contudo, Lutero estava insatisfeito, não meramente com a desordem da sala e a colocação da mobília, mas com a mobília propriamente dita.

Erasmus estava convencido de que discussão sobre coisas como livre-arbítrio e predestinação “deveriam ficar longe dos ouvidos comuns”. Afinal, todos sabemos “quão grande é a apatia da humanidade em buscar a bondade divina e tudo leva a crer que a eleição minará a responsabilidade humana”, insistiu Erasmus. Lutero por outro lado disse: “O Espírito Santo não é cético”, argumentando que a Bíblia

é clara nas coisas essenciais e que cada crente é obrigado a entender o que Deus revelou. “Se nós não conhecemos estas coisas”, Lutero declarou “não podemos saber nada sobre as coisas cristãs e seremos piores que qualquer pagão”. A partir do ponto em que Deus claramente se direcionou para a questão da eleição e do livre-arbítrio, Lutero disse, “não é irreverente, inquisitivo ou supérfluo, mas essencialmente salutar e necessário para um cristão perceber se a vontade faz algo ou nada em questões pertinentes a salvação eterna”.

Este debate não é para aqueles de estômagos fracos. O Reformador alemão não tinha tempo para os “Epicureus amantes da paz” que amavam suas próprias polidez, razão, experiência, mais do que a verdade. Na base crítica de Lutero está a sua convicção de que a teologia de Erasmo é centrada no humano. Assim como disse J. B. Philips a uma geração recente, “seu Deus é muito pequeno”, então Lutero disse a Erasmo, “suas idéias sobre Deus são todas muito humanas”.

Erasmo quis encontrar o meio termo entre dizer, de um lado, que Deus nos salva sem a nossa cooperação, e do outro lado, que nós nos salvamos (a nós mesmos). Um lado importa-se com a graça; o outro, com a natureza. Assim, Erasmo propôs uma posição mediadora conhecida como “cooperação” (lit. “trabalhar junto”): Deus ofereceu a redenção; o homem deve cooperar com a graça exercitando seu livre-arbítrio. Conhecido (e condenado) antes de Erasmo como semi-

pelagianismo, e mais tarde ainda como arminianismo, isto não foi visto como uma solução bíblica do ponto de vista de Lutero. As Escrituras ensinam claramente, ele insistiu, os seres humanos nascem espiritualmente mortos, incapazes de responderem a Deus favoravelmente por sua própria “vontade”, pois esta vontade é escrava do pecado. Não é como se a vontade do incrédulo fosse inativa, todavia, é febrilmente ativa em rejeitar a palavra de Deus que a alma perdida considera bobagem.

Portanto, o que o incrédulo requer não é mera excitação da vontade nem o chamar pela fé e obediência, mas o sobrenatural ato da graça no qual Deus transpõe todos os obstáculos e muda o rebelde pecador em direção a Ele, oferecendo-lhe a dádiva da fé salvadora.

A “Escravidão da Vontade” (**Nascido Escravo** – Editora Fiel) foi minha introdução à Reforma. Como um jovem estive lutando para entender as grandes verdades da Epístola de Paulo aos Romanos; um amigo da família passou adiante a sugestão e eu peguei uma cópia. E nunca esquecerei o senso de relevância que experimentei quando este debate alcançou as mesmas questões que eu vinha perguntando – e ouvido perguntar – sobre o assunto.

Porque “A Escravidão da Vontade” foi escrito no calor da batalha, e contém toda aquela tendência polêmica que alguém espera de Lutero naquela época.

Mas o que o leitor irá encontrar de mais intrigante é a contempora-

neidade deste debate, pois os argumentos de ambos os lados nunca mudaram.

Uma vez que admitamos a cooperação do homem na conversão e justificação no lado mais estreito, não haverá paz de consciência. A questão sempre será: Quanto eu tenho que fazer? É por isso que Lutero responde: “Se, contudo, nós somos

ensinados, e se cremos, que não precisamos saber estas coisas, a fé cristã é completamente destruída e as promessas de Deus e toda a sua palavra caem por terra; o maior e único consolo e certeza para os cristãos na adversidade é que... *Deus faz todas as coisas imutavelmente e que sua vontade não poderá ser resistida, mudada ou impedida*”.

## ANDE EM OBEDIÊNCIA A DEUS

*William Romaine*

Andar em obediência a Deus não significa cumprir a Lei, como uma aliança de obras. Não é exigido que você faça isso. Você não pode. Emanuel, seu divino Fiador, tomou sobre Si este encargo. Visto que era impossível para você, uma criatura caída, cumprir a Lei, de modo a ser justificado por ela, Ele mesmo veio para cumpri-la. Ele honrou os preceitos da Lei por meio de sua infinita obediência e magnificou as penalidades da Lei por meio do seu inestimável sacrifício. Isto é justiça justificadora.

Por meio da fé na vida e na morte do Deus-Homem, você não somente é liberto da culpa e da condenação, da maldição e do inferno, mas também recebe o direito à vida e à glória. A Lei agora está do seu lado, torna-se sua amiga e o inocenta; ela o justifica e lhe dará a recompensa prometida à obediência. A Lei nas mãos do seu Salvador tem somente bênçãos a lhe outorgar. Você tem de recebê-la dos lábios dEle e obedecer-Lhe, não motivado por qualquer esperança legal em relação ao céu ou por qualquer temor servil do inferno. Pois, se assim fosse, você estaria novamente sob a aliança das obras.

Visto que você não está mais debaixo da Lei, e sim da graça, *esteja atento* ao seu privilégio e rogue a Deus que lhe conceda graça para viver de conformidade com esse privilégio. Você não está sob a Lei, obrigado a guardá-la completamente, em sua própria pessoa; nem mesmo, no caso de falhar, está condenado por ela e sob a sua terrível maldição. Você está sob a graça, um estado de graça por meio da fé na obediência e nos sofrimentos de seu bendito Fiador; você está sob o poder da graça, constrangido e motivado pelo amor de Cristo.

# UTILIZE MÉTODOS, MAS NÃO CONFIE NELES; CONFIE EM DEUS

*John Piper*

Isto parece tão simples; e, como um princípio, é bastante simples. Mas, na prática, nós, pecadores, somos inclinados a confiar nos meios e não em Deus. Faço planos frequentemente e percebo que meu entusiasmo cresce ou diminui, à medida que os planos são *perspicazes* ou não. Isto é confiar em planos e não em Deus. Sem dúvida, Ele deseja que utilizemos meios para realizar a sua obra. Todavia, é evidente que Deus não deseja que confiemos nestes meios. “O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do SENHOR” (Pv 21.31). Portanto, nossa confiança deve estar no Senhor e não em cavalos. “Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do SENHOR, NOSSO Deus” (Sl 20.7).

A vida de George Müller foi dedicada a comprovar esta verdade. Em certa ocasião, ele explicou como esta verdade se relaciona à nossa vocação. Devemos trabalhar para obter nosso sustento e suprir nossas neces-

sidades. No entanto, não devemos confiar em nosso trabalho, e sim em Deus; pois, do contrário, sempre estaremos ansiosos pelo fato de que nossas necessidades não serão satisfeitas, se não pudermos trabalhar. Entretanto, se estamos confiando em Deus, não em nosso trabalho, e se Ele ordenar que percamos nosso trabalho, podemos estar certos de que Deus satisfará nossas necessidades; assim, não precisaremos ficar ansiosos. Eis a maneira como Müller apresentou o assunto:

Por que estou realizando este trabalho? Por que estou envolvido neste negócio ou nesta carreira? Em muitas instâncias, no que diz respeito à minha experiência, que reuni no ministério entre os crentes, durante os últimos 21 anos, creio que a resposta seria: “Estou envolvido em minha vocação terrena para que tenha meios de conseguir as coisas necessárias da vida, para mim e minha fa-

mília”. No que se refere à vocação terrena dos filhos de Deus, este é o principal erro do qual resultam quase todos os demais erros nutridos por eles — não é bíblico nem correto estar envolvido em um negócio, uma profissão, uma vocação apenas para ter meios de conseguir as coisas necessárias à vida, pessoal e familiar. Mas, devemos trabalhar, porque é a vontade de Deus para nós. Isto é evidente das seguintes passagens bíblicas: 1 Tessalonicenses 4.11-12, 2 Tessalonicenses 3.10-12 e Efésios 4.28.

É verdade que o Senhor provê as necessidades da vida por intermédio de nossa vocação secular. No entanto, esta não é A RAZÃO por que devemos trabalhar; isto é bastante claro da seguinte consideração: se o possuímos as coisas necessárias à vida dependesse de nossa capacidade de trabalhar, nunca ficaríamos livres de ansiedade, pois sempre teríamos de perguntar a nós mesmos: “O que farei quando estiver velho e não puder mais trabalhar? Ou quando, por causa de enfermidade, for incapaz de ganhar o pão de cada dia?” No entanto, se, por outro lado, estamos envolvidos em nossa vocação terrena, porque é a vontade de Deus que trabalhemos e que, fazendo isso, sejamos capazes de suprir nossas necessidades e de nossos queridos, bem como ajudar os fracos, os doentes, os idosos, os necessitados; assim, temos um motivo excelente e bíblico para dizermos: “Se agradar ao Senhor colocar-

me na cama, por causa de enfermidade, ou impedir-me, por causa de doença, idade avançada ou falta de emprego, de obter o meu pão de cada dia, por meio do trabalho de minhas mãos, meus negócios ou minha profissão, Ele mesmo providenciará o necessário para mim”. (*Uma Narrativa de Algumas das Realizações do Senhor para com George Müller* — vol. 1, escrito por ele mesmo; Muskegon, Michigan, Dust and Ashes Publications.)

Esta verdade se aplica não somente à nossa vocação secular, mas a todas as áreas de nossa vida. Momento após momento, usamos meios para manter nossa vida e realizar os propósitos de Deus (comida, telefone, casa, remédios, carro, pedreiros, médicos, etc.). Temos de aprender a lição de não confiar nestas coisas, quando as usamos, e sim confiar em Deus. Isto se aplica também ao planejamento para a nossa igreja. Fazemos planos. Elaboramos orçamentos. Ensinamos e aconselhamos. A tentação permanente é a de confiarmos nestas coisas e não em Deus, para agir com, por intermédio de ou sem estas coisas. Portanto, enquanto sonhamos a respeito de missões e de nosso ministério, utilizemos meios, mas confiemos em Deus. As promessas dEle são as únicas coisas seguras. Todos os nossos meios são falíveis.

George Müller resumiu assim este princípio:

Este é um dos grandes segredos relacionados ao serviço bem-sucedido para o Senhor — traba-

lhar como se todas as coisas dependessem de nossa diligência, mas, apesar disso, não depender do menor de nossos *esforços*, e sim das bênçãos do Senhor” (*Narrativa*, vol. 2, p. 290).

Ou, conforme a Bíblia o diz: “Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.12-13). E conforme Paulo também declara: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10).

de” (Fp 2.12-13). E conforme Paulo também declara: “Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Co 15.10).

Que o Senhor nos conceda estarmos livres de toda ansiedade, enquanto confiamos nEle, em vez de confiarmos nos meios que utilizamos.

## PACTO

Em 1752, um grupo de homens apelidados “metodistas”, entre os quais João Wesley, assinou o seguinte pacto, que cada um colocou na parede de seu escritório.

Fica estabelecido entre nós, que assinamos este documento:

- \* que não ouviremos, nem procuraremos saber de más informações a respeito uns dos outros;
- \* que, no caso de ouvirmos algum mal uns dos outros, não seremos afoitos em acreditar;
- \* que tão logo seja possível, comunicaremos, oralmente ou por escrito, à parte acusada, aquilo que ouvimos;
- \* que, enquanto não tivermos feito isso, não comunicaremos a qualquer outra pessoa uma só sílaba do que ouvimos;
- \* que nem o mencionaremos, depois, a outra pessoa qualquer;
- \* que não faremos exceção a nenhuma destas regras, a não ser que nos julgemos absolutamente obrigados, em reunião do grupo, a fazê-lo.